



HISTÓRIA DOS MBAYÁ-GUAICURÚ PANORAMA GERAL*

Ana Lucia Herberts

Mestre em História pela Universidade do
Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Este artigo discute a história dos Mbayá-Guaicurú a partir do século XVI até os dias atuais. Traçou-se a trajetória histórica do grupo destacando: a) o confronto e a resistência à conquista e à colonização ibérica, b) as tentativas reducionistas, c) a adoção do cavalo, d) a influência cultural européia e as transformações culturais ocorridas, e) o auge do domínio territorial, f) a decadência populacional, g) as relações inter-étnicas com outros grupos indígenas, h) a sua participação na Guerra do Paraguai e i) seu papel histórico na definição dos limites entre Brasil e Paraguai. O trabalho apresenta, também, a situação atual de suas comunidades indígenas remanescentes no século XX.

Palavras-chave: Índios Mbayá-Guaicurú; Contato; Transformações Culturais.

This article discusses the Mbayá-Guaicurú history from the 16th century until the present day. A detailed background history on the indian group is provided: a) their confrontation and resistance to Iberian dominion and colonization, b) Jesuitic attempts, c) horse use, d) the European cultural influence and the cultural changes throughout the period, e) the culmination of their territorial dominion, f) populational decrease, g) their inter ethnic relations with other indian groups, h) their participation in the Paraguay War, and i) their historical role in the territorial boundary agreement between Brazil and Paraguay. The present situation of their remnant indian community in the 20th century is also dealt with.

Key words: Mbayá-Guaicurú Indians; Contact; Cultural Transformations.

* Artigo elaborado a partir do segundo capítulo da dissertação de mestrado *Os Mbayá-Guaicurú: área, assentamento, subsistência e cultura material*, defendida em abril de 1998 na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

O termo ðGuaicurú¹ era usado de forma genérica pelos Guarani para designar os vizinhos de ethos belicoso que habitavam a margem ocidental do médio rio Paraguai, entre os afluentes Pilcomayo e Yabebiri. Na época da conquista hispânica, este apelativo se generalizou para os diferentes grupos que habitavam o rio Paraguai adentro. Estes grupos indígenas falavam idiomas semelhantes entre si, os quais hoje pertencem à mesma família lingüística Guaicurú; eram caçadores pedestres nômades; possuíam ethos belicoso de caçadores-guerreiros e conduta de hostilidade com os grupos cultivadores vizinhos (Susnik, 1974, p. 1). Havia também as tribos² do norte no Alto rio Paraguai,

¹ ðGuaicurú, em Guarani, tem a seguinte tradução, segundo Boggiani (1899, p. 112): ð*Guá* es partícula que lleva consigo el significado de gente, habitante, nativo; *Aí* quiere decir malvado, malo, falso, traidor; *Curú* significa sarna, suciedad de la piel, y, por conseguinte *icurú* - sarnoso, sucio. De todo lo cual deriva: *Guá-ai-icurú* o sea, gente malvada y sucia. Também são denominados pelos sinônimos *Guaycúru*, *Guaikuru*, *Aicurus*, *Aycurús*, *Uaicurús* ou simplesmente índios cavaleiros.

² ðEmbora o termo ðtribo seja definido de diversos modos, freqüentemente é descrito como sendo um grupo possuidor de um território próprio, cujos ðmembros têm consciência de partilhar certas características distintivas de cultura e língua (...). Também se afirma com freqüência que os membros de uma tribo se enquadram num tipo físico específico. Em geral, tem sido admitido que as tribos descritas na literatura antropológica são divisões reais da humanidade e não unidades criadas arbitrariamente por aqueles que as estudaram (Trigger, 1973, p. 9).

com pautas culturais semelhantes aos Guaicurú inimigos de Assunção, mas que eram chamados pelos Guarani de Mbayá³; e se autodenominavam de Eyiguayegui⁴. Isso provocou uma grande confusão histórica na identificação dos grupos tribais que habitavam o Chaco e na identificação dos Guaicurú como grupo específico do Chaco Paraguai, no qual os Mbayá faziam parte destes e não se constituíam em outro grupo indígena distinto (Susnik, 1971, p. 18).

O fato de os designativos òGuaicurú e òMbayá serem utilizados para identificar dois grupos independentes do Chaco Boreal é histórico, e fundamentado em muitos autores que os localizaram em tempo e locais diferentes, sem compreender a correlação que havia entre ambos⁵. Até pouco tempo atrás ainda se pensava assim. Kersten (1968, p. 41), ao analisar o caos da nomenclatura antiga, esclarece que isso ocorria devido à òfrecuente corrupción de los nombres, así como la aplicación independiente de nombres de simples hordas, tuvo que llevar a la creación de numerosas ñnacionesø nuevasö.

As primeiras investigações se devem aos trabalhos de Koch (1903 *apud* Kersten, 1968, p. 64) e Boggiani (1898 *apud* Kersten, loc. cit.), que se empenharam em explicar os nomes Guaicurú e Mbayá, definindo o seu parentesco, assim como o nome Caduveo⁶. Boggiani

³ òMbayá, segundo Rodolfo R. Schuller no prólogo da obra de Azara (1904, p. 372), tem várias interpretações, mencionando as seguintes opiniões: Para Cominges significa òcañizoö, ou gente que vive entre òpajonalesö; Outes interpreta òmbayá = empleytas grandes de paja que sirven de reparo en las casasö; Zeballos entende que mbayá quer dizer ògrasaö; e em sua própria opinião Schuller entende que equivale a òhercúleo - gigantescoö. Conforme Labrador (1910, t. I, p. 268): òLa palabra Mbayá es de la lengua guarani y significa estera. Los españoles vieron las estereras que sirven de cabañas á los Guaycurús, y el nombre de aquéllas aplicaron á los indiosö. Também citado na documentação histórica como *Mbaia, Maieaiss, Mayeaiess e Albaias*.

⁴ òEyiguayeguiö significa ògente del palmar eyiguáö. Labrador (1910, t. I, p. 5) registrou: òlos oriundos del sitio y palmar que abunda de unas palmas dichas Eyiguá, situado á las orillas occidentales del gran río Paraguayö.

⁵ Sobre a opinião dos autores a respeito da discussão entre Mbayá e Guaicurú, ver Colini (1975, p. 249-256), que resgatou tal discussão num amplo histórico das fontes.

⁶ Também referido na literatura com as seguintes designações: Caduvei, Caduvé, Cadiuveos, Cadiué, Cadioeós, Cadiuéos, Cadivéns, Kadiueu, Kadiué, Kadiuéo e atualmente Kadiwéu.

(1899, p. 112), na crítica que fez à *Cartografia linguística del Chaco de Brinton*, afirma categoricamente que òlos idiomas Mbayá y Caduveo, que en realidad no son sino una misma cosa, pues no hay hoy dia, como no había antes, dos tribus ó sub-tribus que llevasen esos distintos nombresö. Conforme Schindler (1983, p. 20), õconstatou-se que os Guaycurú e os Mbayá podiam ser considerados uma subdivisão da mesma tribo no início do século XVII. Por isso, em seguida, essa etnia foi denominada de Guaycurú-Mbayá, salvo em situações que admittiam tratamentos diferenciadosö.

A questão da divisão entre Guaicurú do sul e Mbayá do norte, segundo a hipótese de Susnik (1972, p. 12), se explica devido à migração ocorrida anteriormente à conquista, na qual o grupo Guaicurú ao migrar para o Chaco Boreal, cruzando o rio Pilcomayo, se dividiu em dois grandes ramos que ocuparam duas áreas: ao sul, na região próxima de Assunção, as tribos denominadas Guaicurú do sul; e ao norte, as tribos sob o nome de Mbayá ou Eyiguayegi. Essa subdivisão tribal migratória provocou mais tarde algumas particularidades culturais, uma vez que os contatos etno-culturais foram diferentes (Susnik, 1978, p. 76). Schindler (1983) acrescenta que õnaturalmente surgem variações na cultura dessas tribos, porém os próprios Guaycurú-Mbayá compreendiam que eram integrantes de uma mesma etniaö. Essas particularidades entre os dois assentamentos talvez foram responsáveis pela diferenciação feita por muitos autores, como Azara (1943), que acreditava que os Mbayá formavam um grupo étnico independente dos Guaicurú do sul. Ressalta-se que essa hipótese de migração e subdivisão em dois ramos, sustentada por Susnik, não possui fontes que a comprovem, uma vez que se remete ao período anterior à conquista.

Atualmente, a moderna lingüística define que os Guaicurú-Mbayá pertencem à grande família lingüística Gwaikuru, que compreende também os grupos Paiaguá, Toba, Pilagá, Abipon e Mokoví, que possuem semelhanças lingüísticas entre si. Esse tronco lingüístico chaquenho se estendia entre os rios Paraguai e Paraná. Loukotka (1939, p. 57-8), para o Brasil, o divide em língua Gwaikuru (Guaycurú, Mbayá) entre

os rios Apa e Ypané, e Kaduveo (Caduveio) entre os rios Tereré e Nabileque. Tovar (1961, p. 42-3) classifica a língua em Mbayá ou Eyiguayeguí, ao norte, com os dialetos ocidentais: Caduveo (Cadiguegodí) e Guetiadegodí (Guetiadebo); e orientais: Apacachodegodí (Mbayá Mirim), Lichagotegodí (talvez Icachodeguo), Eyibodeguí, Gotocodogodeguí (talvez sinônimo de Ocoteguebo). Susnik (s. d. b) segue a mesma classificação para os Mbayá do norte e, ao sul, discrimina as tribos Taquiyiquis, Napipínyiquis e Piquayiquis nos rios Pilcomayo e Verde e em frente a Assunção.

No século XVI, quando da chegada dos espanhóis ao Chaco⁷, as tribos Guaicurú e Mbayá se compunham de grupos caçadores-coletores-pescadores pedestres nômades, em constantes deslocamentos no Chaco. Habitavam locais distintos, como anteriormente já foi explicitado.

As relações dos Guaicurú no Chaco, mesmo enquanto pedestres, eram caracterizadas por relações de hostilidade com os grupos vizinhos, em busca da posse do meio de subsistência e do aproveitamento dos recursos naturais. Mesmo fracionados em várias tribos õmantenían la costumbre de convites interparciales y de convocatorias guerreras para imponerse a las tribus vecinas, alardeando de su invencibilidadö (Susnik, 1987, p. 89). Aliavam-se, freqüentemente, com os Payaguá, pois necessitavam da canoa para cruzar o rio Paraguai e da certeza que não haveria conflitos com estes, de modo que pudessem atacar os campos cultivados dos Cário-Guarani em épocas de colheita. Em 1542, quando Cabeza de Vaca chega a Assunção, os Guarani, vassalos da Coroa Espanhola, se queixam perante o governador e exigem que seja feita guerra aos Guaicurú, pois estes lhes tomaram suas terras e rios, seus meios de subsistência e atacam suas roças em tempos de colheita. O governador, para manter a paz dos Cário-Guarani com os espanhóis, empreendeu uma expedição punitiva contra os Guaicurú, onde capturou alguns nativos, mas, de um modo geral,

⁷ Anterior ao século XVI, não dispomos de fontes documentais.

fracassou, pois não conseguiu fazer com que estes parassem de atacar seus vizinhos Guarani (Cabeza de Vaca, 1987, p. 150-51). Conforme Susnik (1978), os Guaicurú, além de irem em busca dos cultivos e de lugares de caça e pesca, entravam nas aldeias Cário-Guarani:

õ... proveyéndose de adolescentes para exigir abundantes rescates y obteniendo algunos scalps para adquirir el derecho al peinado del guerrero de prestigio o vengar la victimación antropofágica de alguno de lo suyos. No se trataba de una ocupación permanente de las tierras Cário, pero sí de su aprovechamiento periódico, especialmente en la época de grandes crecientes que dificultaban un plena subsistencia en la orilla chaqueña...ö (Susnik, 1978, p.80).

Este aproveitamento da periferia dos cultivadores Cário-Guarani não chegou a se constituir nas relações de vassalagem estabelecidas com os Chané na região do Alto Paraguai.

As relações dos Guaicurú com os espanhóis eram de violência constante; atacavam e assaltavam a cidade de Assunção e as primeiras estâncias *crioullas* (Guzmán, 1980, p. 89) em busca de alguns elementos culturais novos assimilados, como o metal para as pontas de flechas, as facas, os cavalos e cativos (Susnik, 1972, p. 13). Esses períodos de hostilidade eram intercalados por momentos de õpazö estabelecida em que os Guaicurú iam freqüentemente a Assunção vender ou trocar seus produtos, oferecendo peles e carnes silvestres, pescados e mantas (Cabeza de Vaca, 1987, p. 165); mas sempre sob suspeitas, porque muitas vezes eles faziam visitas amistosas para preparar um futuro ataque. Assunção, frente aos ataques dos mesmos, organizava expedições punitivas para castigar, debilitar ou aniquilar os Guaicurú; muitas fracassaram, resultando na morte de muitos soldados e na apreensão de alguns nativos Guaicurú. Audibert (1892, p. 108) menciona que Don Fernando de Sárate, sucessor de Hernando Arias de Saavedra, em seu governo declarou guerra aos Guaicurú e enviou, em 1595, uma expedição ao Chaco.

O cavalo europeu (*Equus caballus*) foi introduzido na América pelos espanhóis já no século XVI, tendo sido, até então, desconhecido pelos grupos indígenas. O Chaco, assim como o Pampa, apresentou

desde o início da colonização espanhola condições ecológicas para o desenvolvimento de grandes rebanhos, pois possuía planícies e campos ricos em plantas de valor alimentício.

A adoção do cavalo pelos Guaicurú ocorreu a partir de fins do século XVI e início do século XVII, provocando mudanças culturais na sociedade e fazendo com que estes se reorganizassem a partir da grande mobilidade e a exploração mais adequada dos recursos ambientais proporcionada pelo animal. Inicialmente, o cavalo representou um elemento de integração às tribos semi-nômades caçadoras, pois adaptava-se às táticas de guerra empregadas, que se caracterizavam por incursões rápidas e periódicas em territórios habitados por grupos sedentários, especialmente as vizinhas sociedades agricultoras.

Com o desenvolvimento de uma sociedade estritamente eqüestre, como os Guaicurú, ocorrem mudanças no padrão de subsistência para uma economia mais especializada na caça, com a ampliação dos territórios e a introdução de novas técnicas de caça a cavalo: um aumento da atividade guerreira com saques a povoados espanhóis e aldeias de outras tribos indígenas mais sedentárias; desenvolve-se um alargamento dos bandos patrilineares em bandos compostos e se desenvolve ou reforça um sistema de classes incipientes, como a dos guerreiros, em linhagens nobres (Galvão, 1963, p. 227-228). Entretanto, Galvão (1963, p. 230) ressalta que o cavalo foi o elemento principal dessas mudanças, mas não o exclusivo, onde outras causas resultantes do contato e da pressão das frentes colonizadoras também contribuíram, como o comércio de peles, as armas de fogo e outros artigos.

A intensificação das guerras originou classes de militares líderes e guerreiros, com grande destaque e prestígio na sociedade Mbayá-Guaicurú (Steward e Faron, 1959 a, p. 386). A divisão social da sociedade em nobres guerreiros, servos e escravos, segundo Steward e Faron (1959b):

õ... provavelmente refletia a influência dos cavaleiros de guerra. Os nobres eram divididos na nobreza que herdou títulos e para aqueles que os títulos foram conferidos somente até a morte.

A classe dos guerreiros era a segunda em importância seguida de chefes e nobres, e desfrutava de privilégios especiais. Embora a afiliação fosse dada através de conquistas pessoais, ela tornou-se hereditária.

A terceira classe era composta dos servos Guaná, através dos quais os chefes Mbayá estenderiam seu controle através do casamento e conquistas.

Escravos capturados e comprados consistiam a quarta classe Mbayá. Estes escravos eram mantidos em regime de serventia perpétua e hereditária, embora sua descendência pudesse atingir o status de livre através do casamento com Mbayá, provavelmente na classe dos guerreiros. Esta classe incluía índios presos de todo lado leste do Chaco e florestas do Paraguai e também alguns paraguaios mestiços. A maior fonte de escravos parece ter sido a de Chamacoco, possuindo uma grande comitiva de escravos aumentou muito o prestígio da classe nobre, e serventes eram constantemente mostrados para demonstrar a grandeza de seus proprietários (Steward e Faron, 1959b, p. 422).

No início do século XVII, ocorre a primeira tentativa de redução de uma tribo Guaicurú do sul, no mesmo momento em que se estavam fundando reduções com os índios Guarani. Tratava-se da terceira missão da Companhia de Jesus na Província do Paraguai. Os padres jesuítas Vicente Griffi e Roque González, da Companhia de Jesus, são incumbidos da missão de converter os Guaicurú ao cristianismo, em dezembro de 1609.

Além dos objetivos de catequizar e domesticar os Guaicurú, e conseqüentemente diminuir os ataques praticados por estes aos espanhóis, o provincial Torres informa que também tinham outros objetivos a serem alcançados com a redução destes indígenas:

õ(...) entre los frutos y buenos efectos que esperamos de la conuersion y reduccion destes indios uno muy principal es que no impidan el passo que de la Assumpcion ay al peru que sera de solo ciento y veinte leguas y agora se andan por este impedimento quatrocientas y de muy malos caminos y despoblados, y por el que estoruan impiden tambien el comercio y conuersion de otras naciones de indios que estan por aquella parteõ (Torres, Carta Anua, 1610, p. 49).

Os jesuítas escolheram o local para a fundação da redução, chamado de Yacosá, que õestaba cercado de ríos abundantes de pesca y de palmares y bosques llenos de miel, y sobre todo muy cercanos a los

Espanholesö (Lozano, 1941, p. 148). O provincial Torres a situa a uma légua da cidade de Assunção, na outra margem do rio (Torres, Carta Anua, 1614, p. 286), em local que não alagava nos períodos de inundações no inverno (Torres, Carta Anua, 1611, p. 90). Segundo Lozano (loc. cit.), chegaram a edificar uma pequena igreja em Yacosá.

Dois anos após o início das atividades missionárias, os dois jesuítas são transferidos pelo provincial para outras reduções que estavam obtendo maior desenvolvimento, as reduções Guarani de Guarambaré e Pitum ou Ipané na outra margem do rio Paraguai. Em 1613, são designados dois novos jesuítas para esta redução, os padres Pedro Romero e Antonio Moranta. A redução dos Guaicurú em Yacosá é dedicada aos santos Reis Magos, recebendo o nome de *Misión y Reducción de Santa María de los Reyes*. Em 1619, o padre Romero assume as reduções do Paraná, e o substitui o padre José Orighi (Lozano, 1941, p. 160). Os jesuítas permaneceram na redução até 1626, abandonando definitivamente as atividades apostólicas com os Guaicurú devido à falta de resultados positivos.

A falta de êxito da Redução pode ser explicada, segundo as fontes documentais, por vários fatores: a) os Guaicurú, mesmo vivendo determinado período no sítio da redução, continuam nômades a praticar suas atividades de caça, pesca e coleta, passando longas temporadas fora (Torres, Carta Anua, 1612, p. 503; Oñate, Carta Anua, 1615, p. 17); b) os jesuítas não conseguiram introduzir o cultivo, porque para eles esta era atividade dos cativos. O cultivo, no entanto, era fundamental para a permanência do grupo mais sedentário e para a auto-suficiência da redução, o que implicava na falta de alimentos e na manutenção de seus padrões de subsistência. Soma-se também a carência de alimentos cultivados, segundo Torres (Carta Anua, 1612, p. 503): òqueporla grandefaltadeagua queabido generalmente enesta tierra, los fructos nose saçonaron como sepensaba, yassi la reduccion no assido tan entera porlafaltadecomidas, (...) porque no teniendola son obligados, a andar todo el año trasla caza, yansi nopueden ser todos catequiçados; c) os indígenas, na sua maioria, seguem mantendo suas práticas religi-

osas, poucos são os indivíduos batizados, geralmente somente na hora da morte (Torres, Carta Anua, 1615, p. 449-50); d) a dificuldade de comunicação, em decorrência da complexidade do idioma Guaicurú (Torres, Carta Anua, 1614, p. 287); e) as várias epidemias de varíola que dizimaram muitos silvícolas (Torres, Carta Anua, 1612).

Segundo Susnik (1989, p. 433), os Guaicurú ðaceptaron Yasoca [a redução] como un ðpasø conveniente para realizar sus visitas-trueques en Asunción; además, exigieron constantes regalías en reciprocidad por haber permitido que la misión se asentara en sus tierrasö. Isto comprova-se pelas palavras do próprio provincial: ðdespues que los p.es. entraron alla sal. vienen muchos de paz a la ciudad de la Assumpcion y a sus rescates y vender pescado y otras cosasö (Torres, Carta Anua, 1610, p. 48).

Os Guaicurú do sul estavam constituídos de três tribos, conforme Alvear (1970, p. 681): Epiguayí ou Guaycurú-guazú, Taquiyiguí ou Codollate e Nupinyigui⁸ ou Guaycuruti, ðque es lo mismo que septentrional, meridional y occidentalö respectivamente. Estas tribos, conforme Lozano (1941, p. 69), ðtienen una misma lengua, visten un mismo traje y observan un mismo modo de vivir, ritos y costumbres parecidos a otros del Chaco, con todo eso guardan poca unión entre sí, por ser de su natural soberbios, preferiéndose los de una parcialidad a la outraö. Os Guaycurú-guazu eram em torno de 300 famílias e distavam quase 100 léguas de Assunção, vivendo na terra dos Mbayá e Guaná, enquanto que os Taquiyiguí e os Nupinyiguí chegavam cada uma a 200 famílias (id.).

As tribos Guaicurú seguem suas práticas violentas de ataques e roubos a Assunção e às aldeias e granjas espanholas próximas desta, não deixando seus habitantes em paz (Techo, t. II, 1897, p. 16); experimentaram, a partir da adoção do cavalo, maior poder e melhores resultados em suas investidas contra os espanhóis. Esta violência praticada por eles é descrita da seguinte forma pelo provincial Torres:

⁸ Segundo Lozano (1941, p. 69), também aparecem com a seguinte grafia: Epiquiyiqui, Taquiyiqui e Napinyiqui.

õ...tan dañina aespls. entrandoles tantas veces asus chacaras, yacometiendo otras ala asump.on yala Ciudad delas corrientes robandoles yndios ehijos hasta Vna herma. del gouerdor. Hernando arias, lleuandoles elganado yCauillos, quemandoles las sementeras, yhaciendoles desamparar muchas trras que estan ala orilla del rio sustentado. guerra mas de sesenta años siendo su nombre entre espñls. Tanodioso como eldelmesmo demo (...)ö (Carta Anua, 1612, p. 508).

O exercício da guerra, que provavelmente existia anterior ao contato, tornou-se conforme Steward e Faron (1959 b):

õ... mais intenso devido a novos objetivos, como a captura de cavalos e gado, roubo a colonizadores espanhóis, a captura de escravos, e o aumento do prestígio dos guerreiros. Também tornou-se mais organizado, era conduzido em um maior território, e envolvia manobras táticas elaboradas, grandes celebrações de vitórias, uma mudança de armas de bastões e flechas para longas lanças tipo espanhola, o emprego da cavalaria, e a formação de alianças militares (Abipoñ, Mocoví, Tobá) contra os espanhóisö (Steward e Faron, 1959b, p. 422-23).

Graty (1862, p. 27) menciona uma expedição feita por Sarmiento, em 1662, contra os Guaicurú, que continuavam depredando e roubando a província. DøOrbigny (1945, p. 297) relata que Corrientes estava a ponto de ser destruída pelos Guaicurú em 1673, sendo socorrida pelos Guarani das missões.

As relações intertribais também se caracterizaram por uma violência constante aos grupos vizinhos, como Gongora (*apud* Garay, 1899, p. 188) descreveu na Carta a S. M., datada de 1622: õtienen estos Indios es hazer entradas a otros de otras naciones de menos numero fuerça y exerççio en las armas que ellos dando en sus rancherias ynopinados y furtivos a saltos matando los que se les resisten y prendiendo los que puedan que lleuandolos a la Ciudad de la Assumpcion los benden y truecan a sus vezinos por los generos de que usan de que resulta la ynquietud de estos barbarosö. A Real Cédula de 16 de abril de 1618 autorizou o governador a fazer guerra contra os Guaicurú e Paiaguá que assaltaram, em 1613, os povoados de índios domésticos que serviam às cidades de Assunção e Conceição e às chácaras de espanhóis ao redor de Assunção, cativando as mulheres e crianças, e matando os homens adultos (Pastells, 1912, t. I, p. 302-3).

Os Mbayá do norte faziam periódicas visitas às tribos dos Guaicurú do sul, que estavam assentados vizinhos a Assunção, buscando adquirir cavalos e artigos espanhóis (Susnik, 1993, p. 123). Na primeira metade do século XVII, essas visitas intertribais tornaram-se constantes, resultando na participação conjunta em assaltos aos *criollos* e, desta forma, num abastecimento direto e contínuo de cavalos. Audibert (1892, p. 216-17) narra alguns desses assaltos: em 1671, no governo de Felipe Regé Corbalan, os Guaicurú coligados aos Mbayá assaltaram a Tacumbú, às portas de Assunção, matando vários de seus habitantes e retirando-se carregados de despojos. Nos quatro anos consecutivos, atacaram com incêndios, mortes e roubos os povoados de Tobati, Arecayá, Atirá e Arecutaguá. Contra eles foram enviados vários destacamentos que se resumiram em marchas infrutuosas ao Chaco. Seguem-se a esses ataques as tentativas de invasão de Assunção em 1675 e 1678. Os Guaicurú vizinhos a Assunção atuavam nesse contexto de trocas de produtos e em botins, como intermediários entre os espanhóis e a nucleação Mbayá do norte.

Susnik (1971, p. 22) ressalta que además de esta motivación agresiva y a la vez adquisitiva de alianzas, la necesidad de defensa también mediaba como factor importante: los sureños sentían siempre más la presión de otras tribus desde el R. Bermejo hacia nordeste, con intenciones de cruzar el R. Pilcomayo y movidas por el atractivo nuevo que las orillas del R. Paraguay ofrecían desde el establecimiento hispanoö. Essas visitas vêm a comprovar que ambos, Guaicurú e Mbayá, relacionavam-se e sustentavam alianças, não constituindo tribos isoladas, como se acreditava, o que facilitou, mais tarde, o agregamento do núcleo sulista ao do norte.

Frente à contínua expansão da colonização espanhola a partir de Assunção em direção ao norte, os Guaicurú do sul debilitados populacionalmente devido aos ataques espanhóis, especialmente o de 20 de janeiro de 1678⁹, quando muitos guerreiros foram mortos

⁹ Sobre o episódio de 1678, ver Lozano (1941, p. 68).

em uma emboscada armada, mas também em decorrência das epidemias de varíola que enfrentaram (Susnik, 1972, p. 13), migraram no final do século XVII ao longo do rio Paraguai e se fundiram com os Mbayá do norte que buscaram as regiões do Alto Paraguai ricas em palmares, importante elemento subsistencial. Esta questão da migração e fusão dos Guaicurú aos Mbayá, ou seja, do núcleo sul com o norte, defendida por Susnik a partir da sua diminuição demográfica, é questionável, pois trata-se de uma hipótese sem fundamentação documental.

Segundo Susnik (1978, p. 87), este agregamento foi ãa base de linajes dispersos y perdiendo la individualidad sociopolítica de una parcialidad autónoma. Contribuyó a este proceso desintegrativo la pérdida de buenos cazaderos, ocupados ya por los Lengua (...)ö. Desta forma, segundo a hipótese de Susnik, em fins do século XVII o núcleo sulista Guaicurú já não possuía mais a sua individualidade enquanto grupo fronteiriço à Assunção, e o apelativo Guaicurú passou a ser usada também para identificar os Mbayá do norte (Susnik, 1971, p. 45), não havendo mais a distinção entre os designativos. Azara (1943, p. 151) afirma, em fins do século XVIII, que o grupo Guaicurú do sul já estava extinto.

Com a assimilação do cavalo e do ferro, os Mbayá-Guaicurú do norte desenvolvem uma economia essencialmente botinera, sendo responsáveis por inúmeros ataques. No início do século XVII, atacaram a Província de Xeres e as missões Guarani de Itatim, coincidindo com o movimento bandeirante; e, em 1661, cruzaram o rio Paraguai e atacaram o povoado missionário Guarani de *Santa María de la Fe*¹⁰. Destruíram também a cidade espanhola de Xerez e, em 1672, atacaram a aldeia de Pitun o Ipané e, mais tarde, Guarambaré (Azara, 1969, p. 218). Desta forma se estabeleceram alguns grupos Mbayá na margem oriental, constituindo em Jejuí sua fronteira intransponível (Susnik, 1987, p. 91).

¹⁰ Santa María de la Fe estava situada a 22° 50' de latitude sul (Azara, 1969, p. 218).

Dois eram os fatores de interesse na ocupação das terras orientais: a posse dos palmares, principalmente de bocaiúva (*Acrocomia aculeata*), importantes na economia Mbayá, e a vizinhança com os novos estabelecimentos de estancieiros coloniais, onde podiam adquirir cavalos e os novos elementos culturais procurados, como o ferro e facas. òLa ocupación significaba el derecho exclusivo al aprovechamiento de los recursos naturales, disponibles, éstos sin duda más potenciales que en la orilla chaqueñaö (Susnik, 1981, p. 60).

As relações inter-étnicas hostis e agressivas dos Mbayá tomaram maiores proporções no século XVII, à medida que se reorganizaram em grupos eqüestres, fazendo incursões e ataques a regiões e povoados mais distantes. As expedições punitivas açucenas não representavam grande perigo aos Guaicurú, pois careciam de armas e provisões para enfrentar as condições do Chaco. Além disso, os povoados e estâncias espanholas não tinham um sistema de defesa organizado para resistir aos seus ataques.

Em fins do século XVII, os Mbayá haviam conseguido a sua expansão e o enriquecimento em cavalos e cativos, dois elementos que simbolizavam o seu domínio. As incursões a partir de então não tinham mais um caráter subsistencial, se voltaram para a satisfação do prestígio social e o direito da propriedade despertados pela acumulação. As incursões continuavam a reafirmar òla misma existencia tribal y perpetuaban la socialización guerrera de la juventudö (Susnik, 1971, p. 48).

Os Mbayá que habitavam territórios ao norte de Assunção, assim como os Chané, migraram paulatinamente para as regiões das nascentes dos afluentes do rio Paraguai, se dispersando nas terras chaquenas alto-paraguaienses, graças às aguadas necessárias para as *correrías* e os campos para o cultivo dos Niyololas (Susnik, 1978, p. 89). O habitat alto-paraguaiense ocupado pelos Mbayá era extenso e amplo, em decorrência da livre passagem nas terras dos vassallos Chané e das zonas periféricas despovoadas. O seu movimento expansionista foi essencialmente incursionista, chegando a ocupar terras nos atuais estados brasileiros de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Os Mbayá, ao norte, tinham os cultivadores Chané como vizinhos. Os Chané, diante dos constantes ataques e roubos, se submeteram aos Mbayá através da vassalagem, recebendo como vassallos a denominação de ñNiyololasö. Tratava-se de uma situação particular: a subjugação de um grupo nômade eqüestre sobre um sedentário cultivador. Conforme Susnik (1983, p.101), essa vassalagem era marcada por profundas implicações sociais: ñsi un cacique Mbayá se casaba con la hija de un cacique Chané, adquiriría el derecho de disponer de toda la parentela y de toda la aldea perteneciente a ese cacique Chané; con este status, realizaban frecuentes visitas, sobre todo en época de cosechas, y siempre en son de señores frente a sus vasallos, comenzando así una verdadera discriminación etno-socialö.

A vassalagem dos Chané em relação aos Mbayá parece ser anterior ao período da conquista hispânica, pois já é mencionada por Schmídel (1903) no século XVI, mas muito mais documentada a partir do século XVIII¹¹. Em duas passagens Schmídel escreve a respeito da vassalagem dos Mbayá sobre os Chané. Na primeira, registra: ñMaiaeiess, es una gran muchedumbre de gente; sus súbditos les ofrecen, tal y como aquí los paisanos se someten al que es nobleö (Schmídel, 1903, p. 247). Na segunda passagem, fica mais claro: ñdespués de esto volvimos á marchar hasta una nación llamada Zchennte (Chané), son vasallos ó súbditos de los antedichos *Mayaiess* (Mbayá), como en esta tierra (Baviera) los paisanos son siervos de sus señoresö (ibid, p. 252).

Susnik (1994, p. 130) acredita que a vassalagem remonte ao período em que um ramo dos Mbayá-Guaicurú, denominado de os Mbayá do norte, migrou do sul do rio Pilcomayo, avassalando os grupos cultivadores Chané-Arawak. Isto demonstraria que a vassalagem se desenvolveu somente com o ramo Mbayá do norte, e que ela existia já em meados do século XVI, quando Schmídel (loc. cit.) a registrou na região de *Puerto de San Fernando*.

¹¹ Sobre as relações entre Mbayá e Chané, ver os registros de Lozano (1873, p. 119), Quiroga (1918, p. 250), Dobrizhoffer (1967, v. I, p. 193), Aguirre (1898, p. 479) e Azara (1969, p. 218).

O jesuíta Sánchez Labrador (1910, t. II, p. 266), que conviveu sete anos com os Mbayá, procura explicar as causas dessa servidão: òEn todas las referidas parcialidades tienen los Guaycurús, de una y otra orilla del rio Paraguay, criados ó tributários que á tiempos les hacen algún corto reconocimiento. En cuanto he podido indagar origen de este su derecho á Niyololas, como ellos llaman á toda la nación, todo va fundado en parentesco, sin que por las armas ó conquista pretendan esta dominación los Eyiguayeguisö. Em outra passagem, escreve: òAlgunos caciques ó capitanes Eyiguayeguis se casaron á su modo con cacicas ó capitanas Guanás. Los vasallos de éstas, muertas ellas, quedaron en un perpetuo feudo á los descendientes de los maridos de sus señorasö (id., t. I, p. 267).

Ressalta-se que a vassalagem era devida a determinados indivíduos e não a todo o grupo Mbayá. Sobre isto, o jesuíta registrou: òPor ésto, los capitanes Eyiguayeguis, solos tienen criados: el vulgo Guaycurú no adquirió derecho sobre aquellas gentes. De aquí es que los Niyololas á los caciques Guaycurús y á seus parientes apellidan Nuestros Capitanes; pero al resto de la nación y á los que no se están emparentados con caciques llaman Nuestros Hermanosö (loc. cit., t. II, p. 267).

Aos Chané eram muito úteis as visitas Mbayá às suas aldeias em princípios do século XVII. Através dos assaltos feitos pelos Mbayá a espanhóis e portugueses, os Chané obtinham os novos elementos culturais europeus assimilados e desejados: facas, machados e outros utensílios que necessitavam (Oliveira, 1976, p. 33).

Schuch (1995, p. 46), ao trabalhar com os sistemas de relações dos Chané com os outros povos, compreende que as relações de supremacia dos Mbayá-Guaicurú sobre os Chané eram aceitas por meio de arranjos entre eles, como casamentos inter-étnicos, trocas e visitas taxativas, que garantiam uma convivência pacífica entre ambos. Baldus (*apud* Boggiani, 1975, p. 26-7), na introdução de *Os Caduveo*, analisa as relações entre os Guaicurú e os Guaná a partir da literatura do século XVIII, entendendo que essa relação poderia ser considerada

como uma forma de simbiose, que contribuiu para a introdução da agricultura entre os Guaicurú. Pode-se concluir que as relações intertribais dos Chané-Mbayá estavam fundamentadas na dependência econômica, seja qual for a forma assumida.

Os Mbayá-Guaicurú chegam, na primeira metade do século XVIII, ao auge de seu domínio incursionista, ocupando ambas as margens do rio Paraguai, subdivididos em seis tribos¹², sendo duas na margem ocidental e outras quatro na margem oriental do rio Paraguai. As tribos estabelecidas ao leste eram as mais numerosas e as mais dilatadas (Labrador, 1910, t. I, p. 256). As ocidentais são:

A primeira dos *Guetiadegodis*¹³, òlos habitantes de la montaña¹⁴, que os separa dos Chiquitos (Jolís, 1972, p. 301), também conhecidos por òlos serranosö, segundo Labrador (loc. cit.). Viviam próximo da margem do Paraguai, onde Aguirre, em fins do século XVIII, assim os descreveu: òse van haciendo canoeros los Mbayás y en el día la nación de los Gueteadeguos¹⁵ tiene bastante canoas y es como todas pescadorasö. Compunham-se em 500 almas entre 200 homens. Seriam provavelmente esse os autores das incursões à Província dos Chiquitos no século XVIII, que atacaram e destruíram as Missões de Sagrado Coração de Jesus, São João e Santiago (Rego, 1906, p. 183), pois se localizavam mais próximos aos Chiquitos em relação às demais tribos Mbayá. Segundo Métraux (1963, v. 1, p. 218), õviviam sobre aterros do Rio Paraguai, tendo abandonado sua existência eqüestre para se tornarem canoeiros e nadadores. Na metade do século XIX, seus grupos que restaram tinham se assentado como fazendeiros perto de Albuquerqueö.

¹² Tovar (1961, p. 42-3) classifica cada tribo com um dialeto.

¹³ Para Aguirre (1898, p. 475-77) a grafia das tribos é terminada em òeguosö e para Azara (1969, p. 219) em òebóö.

¹⁴ òSeus nomes geralmente foram derivados de alguma característica significativa de seus habitató (Métraux, 1963, v. 1, p. 217).

¹⁵ Segundo Susnik (1971, p. 61) grupo fracionado posteriormente, e conhecido com o nome de Beuteuebó, e suas variantes: Prado, Atiadéo; Almeida, Uatadeos; Castelnau, Quaitiadehos e Boggiani, Uettiadau.

A segunda dos *Cadiguegodís*¹⁶, junto a um pequeno riacho chamado Cadiguegui (Jolís, loc. cit.). Estavam subdivididos em duas tribos, localizadas mais para o norte dos Guetiadegodis (Labrador, op. cit., p. 255). Aguirre (op. cit., p. 476) os menciona como Catibebos ou Cadigueéguos, õpor una planta que nombram Cadi y se crian en los lugares de su orígen donde se mantienen por los paralelos de 21° ö. Estavam compostas, na época de Aguirre (1793), em 4 toldos, dos quais dois estavam localizados na margem oriental e outros dois na margem ocidental do rio Paraguai, junto ao novo forte do cerro *Tres Hermanos*¹⁷. Eram os mais numerosos, somando 800 pessoas, das quais 300 homens.

E as orientais são as seguintes:

A primeira dos *Apachodegoguis*¹⁸, õlos habitantes del campo de los Avestrucesö (Jolís, op. cit.), õporque en realidad hay muchos en las tierras de su jurisdicciónö (Labrador, 1910, t. I, p. 257). Estabeleceram-se do rio Apa ao Ipane, sendo composta de 7 cacicados, perfazendo numericamente em torno de 600 almas e destes 220 homens (Aguirre, op. cit., p. 475-76). Segundo o autor, ao referir-se aos cacicados, entende que õno debe entenderse que viven juntos, porque se subdividen según les acomodaö. Junto a essa tribo o jesuíta Labrador fundou a Redução de Belém e com eles conviveu entre 1760 e 1767.

A segunda, dos *Lichagotegodeguis*¹⁹, õlos habitantes de la tierra rojaö, que viviam próximos do rio Taireirí (Jolís, op. cit.). Aguirre (1898, p. 476) os localiza pelo paralelo 21°, mais ao norte dos Apachodeguos.

¹⁶ Entre os nomes, na literatura aparecem como variantes Azara, Catiguebo e Prado, Cadioéo; e para o século XIX são: Almeida, Cadiueos; Castelnau, Cadiéhos e Natterer, Kadigoeo (Susnik, op. cit., p. 60), ou seja, os Caduveo visitados por Boggiani em fins do século XIX.

¹⁷ O Forte *Tres Hermanos* é o Forte Olimpo, segundo Rivasseau (1936, p. 24). Era assim conhecido pois ficava encostado a um morrinho dos três que havia no lugar.

¹⁸ Aparecem como variantes os nomes: Prado, Pagachotéo; Almeida, Pacaju deos; Castelnau, Apacatchudehos e Natterer, Apacatscheteu (Susnik, op. cit., p. 58).

¹⁹ Entre os outros nomes, menciona-se: Aguirre, Ichagoteguos; Prado, Chagoteó; Almeida, Xaguteos e Natterer, Tschaóteuo (ibid, p. 59).

Constavam de 400 almas e destes 280 homens. Com eles houve a terceira tentativa reducional a cargo do Frei Mendez, entre 1769 e 1774.

A terceira dos *Eyibegodeguis*²⁰, òlos septentrionalesö (Jolís, op. cit.). Segundo Labrador (op. cit., p. 258), também eram conhecidos por Enacagas, òlos escondidos, porque viven como tales, entre cerros, ciénagas y ríosö, e se compunham de três cacicados, vivendo cada um separado do outro, em locais distintos. Aguirre (op. cit., p. 477) os localizou pelo paralelo 20 °. Numericamente, seriam 500 indivíduos, e destes 200 homens. Segundo o autor, esta tribo e a dos Gueteadeguos celebraram a paz com os portugueses em 1791. Na metade do século XIX, eles se estabeleceram perto de Albuquerque (Métraux, 1963, v. 1, p. 218).

E a Quarta oriental, a dos *Gotocogueodeguis*²¹, òlos habitandes del cañaverälö, que viviam entre os rios Mboimboi e Iguari; e outra próxima do rio Mboimboi (Jolís, loc. cit.). Recebiam tal denominação pois òesto es los que pertenecen al cañaveräl de las cañas de flechas. Hay muchas de estas cañas muy hermosas en las tierras de estos cacicatosö (Labrador, op. cit., p. 259). Estavam constituídos de dois cacicados, localizados mais ao oriente que as demais tribos (ibid.). Eram populacionalmente a mais débil, com um pouco mais de 200 almas, e destas 90 homens (Aguirre, op. cit., p. 477).

Sobre a subdivisão das tribos, Labrador (op. cit.) comenta:

òLas dichas parcialidades principales ocupan mucho terreno, porque se subdividen en otras muchas, tantas cuantos son los capitanes inferiores, y aun familias. (...) Por lo común viven separados, y á alguna distancia unos de otros. (...) De este modo todos encuentran caza, palmas y otras cosas de que se alimentan. Visítanse algunas veces, y se comunican las nuevas que pueden conducir á su seguridad y mantener firme la unión, sin la cual no se conservan. Cuando premeditan

²⁰ Como variantes: Azara, Tchiguebo; Prado, Adiodéo; Almeida, Ejeuos e Castelnu, Edjiéhos (loc. cit.).

²¹ Também com os seguintes nomes: Aguirre, Ocotegueguos; Castelnu, Cotogehos e Natterer, Uvoketecheuo (loc. cit.).

expedición contra sus enemigos, corre el aviso por todos, y se levantan humos, que conocen al punto. Así se alista el número de soldados voluntarios, á más de los del capitán que ha de gobernar el campoö (Labrador, 1910, p. 260).

Os Mbayá-Guaicurú atacavam constantemente os paulistas em suas monções, que seguiam quase que exclusivamente as rotas pelos rios no Mato Grosso, a caminho de Cuiabá. Aliaram-se com os canoieiros Paiaguá no ano de 1719, que atacavam por rio e os eqüestres por terra, onde desembocava o rio Taquari. Eles também se utilizaram das canoas Payaguá para os ataques, sendo na maioria das vezes confundidos com os canoieiros Payaguá (Campos, 1862, p. 440). Prado (1856, p. 42-3) relata diversos ataques ocorridos sobre o rio Paraguai nos anos de 1725, 1726, 1728, 1730; em 1731 ao Arraial Velho, próximo à vila de Cuiabá; em 1733 e 1736 ao distrito de Carandá; em 1743 ao reduto do Sapé, vizinho de Cuiabá; e outros ocorridos em 1744, 1752, 1753; entre outros mais.

O Paraguai, nesse período, também era alvo de ataques dos incursionistas Mbayá-Guaicurú. Uma das estratégias para conter as incursões destes, segundo Graty (1862, p. 35), foi a fundação, em 1740, da cidade de Emboscada²² por Rafael de la Moneda. Esta cidade foi povoada por negros e mulatos livres, alcançando um número de 6.667 habitantes. Dobrizhoffer (1967), para o mesmo período, registra da seguinte forma as atividades dos Mbayá-Guaicurú no Paraguai:

õEn el año 1745 atacaron incesantemente al Paraguay. De continuo mataron gentes a la vista de la ciudad, como aún atestiguan las cruces erigidas. Los bárbaros arreaban el ganado de las estancias, ahuyentaron sus cuidadores y robaron muchos miles de caballos y mulares. Las aldeas Mandibó, Cariy y otras que se hallaban más lejos de la ciudad y más cerca del territorio de los enemigos, quedaron casi en un desierto; sus habitantes fueron asesinados o ahuyentados por el temor de ser muertos. No pocos de los comerciantes que viajaban de un lado a

²² Emboscada foi fundada õsobre la cordillera de los Altos, a una legua de las riberas del rio Paraguay, nueve leguas N-E de la Asuncionö (Graty, 1862, p. 35), mais precisamente a 25° 07ø42ö de latitude sul e 57° 23ø56ö de longitude oeste de Greenwich (ibid., p. 53).

otro fueron despojados o asesinados. Los colonos de Curuquati, que a causa de los inmensos bosques intermediarios se creyeron seguros contra los bárbaros, fueron asesinados del modo más cruel en gran número. (...) Las tropas enviadas a todas partes a reconocer al enemigo, y en caso dado a rechazarlo, fueron sorprendidas muchas veces, asaltadas frecuentemente en celadas, en ocasiones también engañadas y en no pocas veces ahuyentados por valientes ataques y combatesö (Dobrizhoffer, 1967, v. I, p. 191).

Em 1760, ocorre uma nova tentativa de missionarização com a fundação da *Reducción de Nuestra Señora de Belén* pelos padres jesuítas José Sanchez Labrador e José Mantilla. O missionário Jolís (1972) localiza a Redução de Belém em 1767 òen la orilla Septentrional del R. Ipané, distante 5 leguas hacia Levante, del R. Paraguay y 60 de la C. de la Asunción, hacia el norte; a 23° 27ø de latitud e 320° 43ø de longitudö. O próprio jesuíta Sánchez Labrador descreveu o sítio da redução desta forma:

öLa loma en que está la reducción de Nuestra Señora de Belén, es muy capaz. Su altura tan proporcionada que las pendientes á todos lados son casi insensibles. Entre Poniente y Norte, que es como la espalda, corre un bosque de bella arboleda. Á su frente, que mira entre Oriente y Sur, corre inmediato el río Ypané-Guazú ó Guarambaré. Todas son tierras que claman por gente que las cultive por su fertilidad. Hacia todos lados hay manantiales y arroyuelos que corren al río. Hállase tierra buena para hacer tejas, ladrillos, ollas y cántaros. El agua es buena, porque entre piedras corre golpeada y limpia, y el fondo entre las piedras es de arena. En el río hay bastante pesca, y en tiempo de las crecientes del Paraguay, abundan los Dorados, Pacús, Bogas, Palometas, etc. En esta loma se fundó la reducción bajo el sobredicho título en 23° 30ø de latitud meridional y en 320° 58ø de longitud²³ö (Labrador, 1910, t. II, p. 98-99).

A redução era composta por 260 Eyiguayegui, da tribo dos Apacachodeguo, mas poucos se converteram em cristãos e os resultados esperados não foram obtidos. Para o início da organização reducional foram trazidas 24 famílias Guaraní das missões de Sta. Maria de Fé, Sta. Rosa, Santiago e S. Ignacio Guasú (Susnik, 1981, p. 78). Os

²³ Estes graus estão expressados conforme a *Carta del Gran Chaco e Paefi confinati*, de Ab. Giochino Camagno, em apêndice de Labrador (1910, t. II).

jesuítas abandonaram a redução em 1767, quando a Companhia de Jesus foi expulsa. Susnik (1989, p. 437) ressalta que, ao aceitar a instalação da redução, õas cuadrillas de truequistas y los caciques sólo buscaban su ÷pase oficial÷ para el viaje hacia Asunción (...). Eles não permitiram a fundação de estabelecimentos missionários com os Chané, a fim de que estes não obtivessem sua liberdade, deixando de ser õniyololaõ dos Eyiguayegui (ibid).

Houve uma outra tentativa de catequização com a tribo Mbayá dos Ichagoteguo, que vivia ao norte da Redução de Belém, ao cargo do Frei Miguel Méndez. Este permaneceu no período de 1769 a 1774, quando abandonou a redução por falta de auxílios (Aguirre, 1897, p. 476). Audibert (1892, p. 260-61) menciona o relatório do governador Don Pedro Melo de Portugal ao vice-rei Nicolás Arredondo, datado de 12 de março de 1784, o qual refere que os padres Mendez e Barzola õfueron el año de 1769 á las tierras de los mbayás, donde el primero estableció reducción hácia el Itapucú en la latitud de 21° 4÷ llamándola Nuestra Señora del Rosario de Egilechigó, donde tuvo iglesia pública y campanas, hasta que habiendo muerto entre los Mbayás, en Agosto de 1775, y no proveyéndose su curato, quedó el pueblo y los Albayás ó Mbayás abandonadosõ.

Audibert (loc. cit.) ainda menciona o Relatório do Vice-rei Don Nicolás Arredondo ao seu sucessor Don Pedro Melo de Portugal e Villena sobre a questão dos limites entre as Cortes de Espanha e Portugal, em 1795. Neste relatório, Don Antonio Pinedo, governador Intendente do Paraguai, informa que:

õ... cuando fundó la Villa Concepción al Norte del Ipané, formó una reduccion de indios Mbayás en Itapucú que subsistió mucho tiempo hasta que habiendo fallecido su primer misionero, y no habiendo quien ocupase su lugar se esparcieron los indios que formaron aquel pueblo. Que los portugueses buscando el comercio de Villa Concepcion trataron de apoderarse de Itapucú, pero prevenido á tiempo el Gobernador evitó que formaran outro fuerte en la parte del Chaco donde está dicho lugarõ (Audibert, 1892, p.260-61).

De concreto, poucos dados possuímos sobre esta redução, uma vez que ela é posterior ao período de atividade missionária da Compa-

nhia de Jesus e, ao que parece, foi uma iniciativa isolada de Miguel Méndez.

Os Mbayá-Guaicurú obtinham cativos e metal através dos assaltos aos colonos, comerciantes e exploradores em busca de ouro que viajavam pelos rios Taquari, Paraguai e Cuyabá até as minas de Mato Grosso. Os indígenas buscavam não o ouro, mas a prata para a confecção de objetos de adorno, que haviam se transformado em símbolos de prestígio social. Realizaram ataques aos primeiros povoados portugueses de colonização dessa região e a resposta portuguesa era o envio de expedições punitivas que se mostraram infrutíferas. Na zona mato-grossense, os Mbayá-Guaicurú encontraram outra fonte de cativos. Proviam-se, segundo Prado (1856, p. 38) registrou, de Guaxi, Guanaze, Cayvaba, Guató, Coroado, Cayapó, Bororó e Chamacoco.

Faziam incursões, além da região de Mato Grosso, ao Chaco e até a província de Chiquito em busca de cativos, cavalos e gado nas estâncias coloniais portuguesas e espanholas, onde chegaram a atacar a *Misión del Sagrado Corazón de Jesús*²⁴ no ano de 1763, que resultou na morte do P. Guasp (Muriel, 1918, p. 224).

Os portugueses somente começaram a obter o domínio das terras alto-paraguaienses a partir da dissolução da aliança dos Mbayá-Guaicurú e Paiaçu em 1768 (Kersten, 1968, p. 69). Com isso, os portugueses fundaram Presídio de Nova Coimbra²⁵ em 1775, na latitude de 19° 55' (Prado, 1856, p. 45), e os presídios de Albuquerque²⁶ e Mondego²⁷ em 1778, para garantir o controle da região, ainda que esses estabelecimentos tenham sofrido alguns ataques e assaltos dos Mbayá-Guaicurú vizinhos, como o

²⁴ Sobre o ataque a Redução de Santo Coração de Jesus, ver Muriel (1918, p. 218-221), Dobrizhoffer (1970, t. III, p. 376) e Azara (1969, p. 219).

²⁵ Historicamente, os presídios tinham o significado de proteção, de guarnição militar; somente mais tarde passaram a significar prisão, como local de reclusão de condenados (Mello, 1959, 2º v., p. 52).

²⁶ Hoje Corumbá (Susnik, 1981, p. 83).

²⁷ Atual Miranda (loc. cit.).

do Presídio de Nova Coimbra, que foi atacado em 1778, resultando em 54 soldados mortos²⁸. Da mesma forma, os espanhóis buscavam recolonizar essas áreas, estabelecendo, em 1784, sua comandância militar em *San Pedro de Ycuamandiyú*. Neste processo militar, participaram os estancieiros e os povoadores, procurando reconquistar seus antigos domínios e defendê-los frente aos Mbayá-Guaicurú e portugueses, além de recuperar os rebanhos de gado em posse dos indígenas (Susnik, 1989, p. 439). Em 1792, fundaram também o Forte Borbón²⁹, a 21° 10' latitude sul e 60° 15' longitude oeste (Bossi, 1863, p. 33).

Em meados do século XVIII, a situação dos Mbayá-Guaicurú em relação ao domínio e controle das terras do Alto Paraguai começava a se modificar paulatinamente devido à penetração dos grupos Lengua e Enimagá ó os mesmos que haviam ocupado anteriormente os locais de caça dos Guaicurú do sul ó, que passaram a disputar suas terras, seus cavalos e seus cativos, significando uma hostilidade entre duas tribos eqüestres. A organização de expedições punitivas, que partiam desde Assunção e Corumbá, ameaçavam também seus assentos nucleares, assim como a sua grande mobilidade conquistada no século XVII (Susnik, 1972, p. 14). Estes dois fatores são responsáveis pela diminuição da mobilidade dos Mbayá-Guaicurú, ocasionando o fim do seu apogeu étnico e o estreitamento da área ocupada anteriormente, o que provocou um encerramento periférico do grupo. O sistema de vassalagem existente sobre os Chané também entrou em decadência, pois os õenhores Mbayáó já não conseguiam mais õcuña e hachas de hierroö para presentear aos õnyololas Chanéö, e estes trocaram o serviço aos Mbayá pelo serviço aos povoados *criollos* (Susnik, 1971, p. 80).

²⁸ Mais detalhes sobre o ataque Guaicurú ao Presídio de Nova Coimbra ver Mello (1959, 2º v., p. 110-116). O autor (ibid, p. 287) informa ainda que de 1778 a 1789, andaram freqüentemente os Guaicuru a rondar o Presídio, ou pelo rio, em suas ligeiras igarités, ou por terra, alta noite, buscando meios de flechar as sentinelasö.

²⁹ O Forte Borbón muda de nome para Forte Olimpo quando passa à autoridade paraguaia. Graty (1862, p. 51-55) menciona a fundação do forte por José A. Zavala e Delgadilla a 21° 01' 39" de latitude sul e 57° 55' 40" longitude oeste.

O término de sua seguridade belicosa marca a busca de aliados, ora portugueses, ora espanhóis. Mudavam de aliado conforme seus interesses e o que lhes era mais vantajoso. Em 1791, o Capitão General de Mato Grosso, João Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, assina solenemente o tratado de paz³⁰ com a ãnação Aicurüo (Prado, 1856, p. 52). Os portugueses ãnecesitados en Matto Grosso del ganado, fueron convirtiendo a los Mbayá en ãtropilhas de vaquerosøa su servicioö (Susnik, 1989, p. 438).

Os deslocamentos Mbayá-Guaicurú possuíam, no século XIX, três núcleos básicos: um chaquenho e oriental próximo do Forte Bourbon, outro na povoação portuguesa de Miranda e o último na Villa Real. Serra (1866, p. 207) menciona que os Guaicurú estavam divididos, em 1803, em três tribos: uatadé-os, ejué-os e cadiué-os, constando esta última de 680 pessoas. Agregaram-se a estas tribos alguns indivíduos de outras tribos, denominados pacajudeu, cotogudeus, cacuté-os e oleós; porque ãos seus casamentos separam de umas, e unem às outras, enquanto eles duramö. A maior parte dos indivíduos dessas últimas quatro tribos estava estabelecida, nessa época, em Miranda.

Serra (1866, p. 205) fez interessantes considerações sobre as tribos: ãa independência e rivalidade com que vivem entre si as diversas tribos dos uaicurús que formam o todo desta errante e dispersa nação, unidas para o seu interesse geral e separadas pelo seu próprio e para sua subsistência (...)ö.

No início do século XIX, a Corte de Lisboa determinou a Caetano Pinto que se estudasse a possibilidade de aldeamento dos índios que habitavam as regiões adjacentes a Coimbra e Miranda (Mello, 1960, 3º v., p. 44-66). Este estudo foi confiado a Ricardo Franco Serra (1866 [1803] e 1872 [1803]) e Francisco Rodrigues do Prado (Ofício de 14/08/1800 *apud* Mello, *ibid.*), que eram comandantes das posições na

³⁰ Sobre o teor do tratado de paz e amizade celebrado em Vila Bela e a Carta Patente entregue aos dois caciques ver Casal (1976, p. 131-32) e Mello (1959, v. II, p. 296-298).

fronteira sul. Ambos, em seus pareceres, colocaram-se desfavoráveis ao aldeamento dos Guaicurú, apresentando dificuldades para isso. O que de fato não aconteceu, pois esses indígenas continuaram a viver como antes, enquanto que os Guaná se aldearam nas regiões férteis de Albuquerque e nos rios de Miranda a Aquidauana. Castelnau (1949, p. 243), no entanto, visitou, em meados do século XIX, um aldeamento próximo a Albuquerque com indivíduos da tribo Mbayá dos Uaitiadeu, conhecida também como Guetiadegodis. Segundo o autor, eles estariam, na sua maioria, convertidos ao catolicismo.

Os Mbayá-Guaicurú, especificamente a tribo dos Kadiwéu, continuavam a pilhar as estâncias paraguaias ao sul do Apa, mas agora providos de armas de fogo, roubando grande quantidade de gado e cavalos, como o ofício de 1813 do tenente José Craveiro de Sá, comandante de Miranda, informou ao governador (Mello, 1960, v. III, p. 184). Entre o período de 1812 e 1822, período em que o Paraguai enfrentava a revolução e nos primeiros anos do governo de Francia, as incursões e pilhagens dos Guaicurú se tornaram mais freqüentes e temerosas, devido ao enfraquecimento das guarnições da fronteira que eram deslocadas para outras áreas (Mello, 1961, v. IV, p. 242). No período de 1824 a 1826 também foram registrados alguns ataques e pilhagens aos criadores paraguaios, assim como no período de 1840 a 1862, embora com menos freqüência que no período anterior.

As relações dos Mbayá-Guaicurú com o Paraguai no século XIX, são resumidas por Boggiani (1945 *apud* Carvalho, 1992, p. 468), como segue:

õDurante a ditadura do dr. Francia (1814-1840) os Mbayá continuaram a devastar o departamento e a cidade de São Salvador, estendendo as ruínas até os arredores de Conceição. O antigo forte de São Carlos, na margem esquerda do rio Apa, sendo insuficiente para conter as suas correrias, a administração do presidente don Carlos Antônio Lopez, que sucedeu àquela do dr. Francia, estabeleceu uma boa linha de defesa formada de dez fortes apoiados à esquerda do rio Paraguai e à direita, a sessenta léguas, nas montanhas de Este, seguindo o curso do rio Apaö (Boggiani, 1945, p. 267 *apud* Carvalho, 1992, p. 468).

Augusto Leverger, Presidente da Província do Mato Grosso (1851, p. 47 *apud* Moreira Neto, 1971, p. 147), frente às òcorreriasõ realizadas em ambos os lados da fronteira Brasil-Paraguai, encarregou um missionário capuchinho da missão de induzir os Kadiwéu a se aldearem em local determinado. O aldeamento contaria com o auxílio das tropas do Comando Geral da fronteira do Baixo Paraguai. E, se ainda assim resistissem aos planos de aldeamento da província, usariam a estratégia de neutralizá-los, concentrando em seus territórios índios Terena e Chamacoco, tradicionais inimigos. Contudo, os planos traçados por Leverger não se consumaram, à medida que o missionário assumiu a aldeia de Nossa Senhora do Bom Conselho na ausência de seu colega.

Sobre a participação dos Kadiwéu na Guerra do Paraguai e suas conseqüências, Boggiani (1945 *apud* Carvalho, 1992) escreveu: òNa guerra do Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, em 1865, os Caduveos, instigados e armados de fuzis pelos brasileiros, penetraram no rio Apa, assaltando as aldeias e os exércitos paraguaios. Atacaram finalmente a aldeia de São Salvador, que saquearam e destruíram, voltando carregados de presa, composta em grande parte de fazendas, armas e munições tomadas ao inimigo, entre as quais figuravam muitos terçados que em 1879 os Caduveo ainda levavam constantemente pendurados à cintura. Depois dessa guerra o Brasil reforçou sua influência sobre os Mbayá que, atraídos pelos presentes recebidos das autoridades do Império, visitam anualmente Corumbá, Coimbra e Albuquerque, onde trocam os seus trapos por pólvora, panos, facas e outras coisas: lá são atraídos com presentes de fuzis antigos, de uniformes de refugio e diplomas de oficiais do exército imperialõ (Boggiani, 1945, p. 267 *apud* Carvalho, 1992, p. 468-9).

Conforme o registro de Rivasseau (1936, p. 94), feito junto aos Kadiwéu, o ataque e assalto a San Salvador foi anterior à Guerra do Paraguai.

Mello (1961, v. IV, p. 247), a respeito da definição do território nacional em fins do século XIX, chegou a afirmar que o Brasil devia aos Guaicurú a incorporação do sul do Mato Grosso, pois, depois do fim da Guerra do Paraguai e do Tratado de Limites de 1872, em que se estabeleceram os limites territoriais entre Brasil e Paraguai: òestava

terminada a missão dos Guaicurú. Havia cumprido o seu papel histórico de guardas vigilantes das nossas fronteiras na bacia do médio-Paraguaiô.

As tribos Mbayá-Guaicurú existentes se desintegraram rapidamente, conseqüência do mestiçamento intertribal, do alcoolismo e das freqüentes epidemias de varíola, restando, somente no fim do século XIX, com seus remanescentes mais expressivos, a tribo dos Kadiwéu, que abandonaram seus assentamentos chaquenhos à margem do rio Paraguai e localizaram-se principalmente na região dos rios Nabileque, Niutaque e Branco. Conforme Gerhards (1975, p. 18 *apud* Schindler, 1983, p. 22) ãa verdadeira decadência efetuou-se na guerra paraguaia (1865-1870), da qual os (Guaycurú) Mbayá participaram (...). Seu número não só sofreu dizimação através das perdas da guerra mas também através do contato com os soldados que os levaram a adquirir doenças venéreas e ao alcoolismoô.

Os Kadiwéu, mesmo habitando as terras da margem oriental do rio Paraguai, na área abrangida pelo pantanal no atual estado brasileiro do Mato Grosso do Sul, efetuaram ainda algumas expedições ao Chaco, na segunda metade do século XIX, cometendo assaltos aos espanhóis e buscando abastecer-se de cativos, como o referido por Boggiani a São Salvador. A travessia era realizada em pontos estratégicos do rio Paraguai que, durante o período de secas, diminui o volume das águas, propiciando a passagem.

Quando Boggiani esteve junto aos Kadiwéu das aldeias de Nabileque em 1892, armas como o arco e flecha e a lança já eram raras; os Kadiwéu buscavam através das trocas com a sociedade nacional, adquirir armas de fogo, no caso fuzis, transformados em ôcaçadores com fuzilô em lugar do anterior guerreiro.

Rivasseau (1936, p. 64-68), que visitou os Kadiwéu na região do rio Nabileque entre fins do século XIX e início do XX, registrou que eles estavam em conflito com o fazendeiro Barranco-Branco pela posse do imenso território que ocupavam. Este alegava como pretexto que os índios roubavam cavalos e gado de suas fazendas. Por duas vezes,

1897 e 1898, foram enviados destacamentos militares contra os Kadiwéu. Segundo o autor:

õ... na época em que percorri essa região, o Governo do Estado, já tomava providências para assegurar a todos os índios do sul do território de Mato Grosso, onde estavam em contato com a população, a posse de glebas especialmente destinadas e reservadas às diferentes tribos esparsas, que viviam entremeadas nas propriedades particulares.

Pouco tempo após minha passagem na zona ocupada pelos Guaycurús, foi oficialmente decretado que todo o território compreendido entre o rio Aquidauana ao sul, o rio Paraguay a oeste, os rio Nabiléque e Niutaque a norte e nordeste, e a serra Bodoquena a leste, seriam dali por diante reservadas à tribo dos Guaycurús ou Caduveos, como muitas vezes se intitulamö (Rivasseau, 1936, p. 68).

De fato, a Reserva Indígena dos Kadiwéu fora criada pelo Governo Estadual em 1903, conforme o autor mencionara no sul de Mato Grosso, atual estado de Mato Grosso do Sul³¹. A reserva indígena passou a ser administrada, em 1928, pelo antigo Serviço de Proteção aos Índios, o SPI (Ribeiro, 1974, p. 61).

Rivasseau (1936, p. 212) relatou que os Guaicurú, após o assalto a São Salvador, haviam empreendido somente mais duas ou três vezes novas expedições ao Paraguai, mas limitando as incursões a pouca distância da fronteira, a algumas léguas mais ao sul do rio Apa. A partir do século XX, as fontes documentais não mencionam mais as incursões Mbayá-Guaicurú realizadas anteriormente. Os Kadiwéu encontravam-se então em conflito com a sociedade nacional pela garantia de suas terras e a manutenção de seus padrões culturais.

Rondon (1949, p. 71), quando trabalhou entre 1900 e 1906 na Comissão de Linhas Telegráficas do estado de Mato Grosso, encontrou alguns Guaicurú trabalhando em fazendas de gado. Ele cita alguns índios Terena e Guaicurú na fazenda Rio Negro; menciona também a existência de cerca de 60 Guaicurú nas fazendas Palmeira e São Francisco.

³¹ Ver mapa da área reservada aos Kadiwéu de Rivasseau (1936).

Manizer (1934) esteve no Brasil, entre 1914 e 1915, recolhendo dados sobre a música e os instrumentos musicais dos grupos indígenas. Visitou, nessa época, a aldeia Kadiwéu de Nalique, permanecendo dois meses entre os Kadiwéu. No entanto, não faz nenhuma consideração sobre a situação dos Kadiwéu nessa época.

Lévi-Strauss (1973) realizou trabalhos antropológicos nos anos de 1935 e 1936 no Brasil. Realizou uma expedição aos Kadiwéu, na qual registrou algumas observações sobre o estado dessa comunidade indígena. No entanto, seu trabalho de campo visava a arte Kadiwéu, a pintura corporal e a decoração da cerâmica. Em Pitoko, onde havia um antigo posto de Serviço de Proteção ao Índio, encontrou três casas em ruínas. Em Nalique, a velha capital Kadiwéu, restavam somente cinco casas. Engenho, que ficava próxima a Nalique, era a aldeia mais populosa. O número populacional das três aldeias, nessa época, não ultrapassava 200 pessoas. *õVivían de la caza, de la recolección de frutos salvajes, de la cría de algunos bueyes y animales de corral y del cultivo de algunas parcelas de mandioca que se divisaban del outro lado de una única fuente, que manaba al pie del terraplén (...)* (Lévi-Strauss, 1973, p. 163).

Segundo Baldus (*apud* Freundt, 1947, p. 5), na introdução de **Índios de Mato Grosso**, Freundt registrou, em 1939, que as duas aldeias Kadiwéu possuíam aproximadamente cem habitantes e que o número desses índios havia diminuído, nos últimos anos, em virtude da febre amarela silvestre e outras epidemias, mas também da prática do infanticídio. Freundt (1947, p. 24) informa que naquela época os Kadiwéu õse ocupam com a criação de gado, trabalhando também como vaqueiros e lenhadores nas fazendasõ.

Wanda Hanke (1942), que esteve entre os Kadiwéu e os Terena, descreve os locais onde os primeiros habitavam:

õDesde los tiempos remotos los Cadivéns ocupan toda la región entre la costa del río Paraguay y Miranda, concentrándose cerca del río Nabileque y formando varias aldeas. La más grandes actualmente son Alike, Pitoco, y Limera. Pero encontramos Cadivéns también en Xatelodi, sede del puesto, y en las estaciones vecinas, como Guaycurús, km.

1221 y especialmente en Cajera y Carandazal trabajando en la turma. Paseando por los montes de aquellas zonas amenudo encontramos grupos de Cadivéns en sus campamentos o en viajeö (Hanke, 1942, p. 82).

Por ocasião da visita de Ribeiro (1974, p. 62) realizada em 1947 entre os Kadiwéu, como parte do plano de trabalhos da Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios, a população Kadiwéu era composta de 235 pessoas, distribuídas da seguinte forma³²: 94 pessoas junto ao Posto Indígena de Presidente Alves de Barros, na Serra da Bodoquena; 66 nas imediações do Posto de Criação de Pitoco; 11 em Limoeiro, residência isolada; e 31 em Tomasia.

Ribeiro registrou muito bem, em 1948, em dois trechos, a situação em que se encontravam os Kadiwéu:

õO modo de ser dos Kadiwéu é, hoje, essencialmente, uma variante do modo de ser dos brasileiros. Andam vestidos como a gente mais pobre da região onde vivem, quase todos os homens adultos se exprimem bem em português e muitos deles trabalham, por temporadas, nas fazendas vizinhas. Constitui, porém, uma variante singular, porque recheada de valores culturais próprios e, sobretudo, porque os Kadiwéu não se identificam como õbrasileirosö e sim como uma entidade étnica em si, distinta de todas as demais: como um povo oprimido pelo grande mundo dos brancos que os cerca e os hostiliza por todos os lados e de todas as formasö (Ribeiro, 1980, p. 7).

O autor continua:

õVivendo principalmente da caça ao cervo e ao veado e da coleta de cocos e palmitos; acompanhando hoje, como vem fazendo secularmente, o fluxo e refluxo das águas do Paraguai que inundam o Pantanal durante 5 meses e voltam vagarosamente ao leito, arrastando atrás de si a caça e o caçador Kadiwéu. Despojados de seus rebanhos - perdidos nas trocas com os brancos, principalmente no comércio de aguardente - os Índios Cavaleiros de nossos dias, quase todos a pé, vivem como seus vizinhos neobrasileiros: vestindo-se, pastoreando o gado, caçando e curtindo peles com os mesmos métodos destes; mas conservando, ainda, algumas das características do antigo povo senhorial e dominadorö (Ribeiro, 1980, p. 24).

³² Destes 235 indivíduos, 26 estavam fora da reserva trabalhando na Fazenda Francesa e na estação de Carandazal (Ribeiro, 1974, p. 62).

Chevalier (1982, p. 1) visitou, em janeiro de 1974, a reserva indígena dos Kadiwéu do Posto Indígena Bodoquena. Nessa época, o grupo contava com 373 indivíduos divididos em três aldeias, sendo a principal a da Bodoquena. Segundo a autora, a situação dos Kadiwéu era a seguinte:

Embora mantivessem seu idioma e identidade, externamente seu modo de vida pouco se distinguia do de nosso caipira, cultivando suas roças de mandioca, milho, algodão, cana e feijão, criando galinhas, realizando esporádicas caçadas ou trabalhando como peões nas fazendas de gado vizinhas à reserva. As condições de vida eram bastante precárias e o auxílio vinha principalmente da Missão Evangélica protestante ali sediada e da ajuda esporádica de instáveis funcionários da FUNAI (Chevalier, 1982, p. 1).

Segundo Siqueira (1992, p. 277), a Reserva Indígena Kadiwéu abrigava em 1989 (FUNAI) uma população de 1.070 pessoas, distribuídas entre as fazendas da reserva e quatro aldeias: Bodoquena, Tomázia, Campina e São João.

Martins (1992, p. 41-42), no **Breve Painel Etno-histórico do Mato Grosso do Sul**, menciona dois núcleos Kadiwéu atuais: um na aldeia de Tomázia, no município de Porto Murtinho, e outro no Posto Indígena de Alves de Barros, em Bodoquena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIRRE, Juan Francisco. Diario del Capitán de Fragata de la Real Armada don Juan Francisco Aguirre en la demarcación de límites de España y Portugal en la América Meridional. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, Buenos Aires, XIX, p. 464-510, 1898.
- ALVEAR, Diego de. Relación Geográfica e Histórica del Territorio de las Misiones por el Brigader D. Diego de Alvear. *Colección de Obras y Documentos Relativos a la Historia Antigua y Moderna de la Provincia del Río de La Plata por Pedro de Angelis*. T. Quinto. Buenos Aires: 1970, p. 565- 727.
- AUDIBERT, Alejandro. *Los Límites de la Antigua Provincia del Paraguay*. 1ª Parte. Buenos Aires: Imprenta La Economica, 1892, 386 p.
- AZARA, Félix. *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay, Misiones Guaraníes*. Bibliografía, prólogo y anotaciones por Rodolfo R. Schuller. T. I. Montevideo: 1904, 474 p.
- _____. *Descripcion e Historia del Paraguay y del Rio de La Plata*. Buenos Aires: Editorial Bajel, 1943.

- _____. *Viajes por la América Meridional*. Trad. Francisco de Las Barras de Aragón. Madrid: Espasa-Calpe, 1969, 326 p. (Colección Austral).
- BOGGIANI, Guido. Etnografía del Alto Paraguay. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, Buenos Aires, XVIII, p. 3-15, 1898.
- _____. Cartografia lingüística del Chaco por el Dr. Daniel G. Brinton. *Revista del Instituto Paraguayo*, Asunción, año II, n. 16, p. 106-137, 1899.
- _____. *Os Caduveos*. Trad. de Amadeu Amaral Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, 245 p. (Reconquista do Brasil, v. 22).
- BOSSI, Bartolomé. *Viaje Pintoresco por los Rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo, Cuyabá y el Arino tributario del grande Amazonas, con la descripción de la Provincia de Mato Grosso bajo su aspecto físico, geográfico, mineralógico y sus producciones naturales*. Paris: Libreria Parisiense, 1863, 153 p.
- CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. *Naufrágios e Comentários*. Trad. do texto Jurandir Soares dos Santos. Trad. da introdução Bettina Becker. Apresentação Henry Miller. Porto Alegre: L & PM, 1987, 256 p. (Col. L & PM/ História, Série ãOs Conquistadores, v. 3).
- CAMPOS, Antonio Pires de. Breve noticia que dá o Capitão Antonio Pires de Campos, do gentio barbaro que há na derrota da viagem das minas do Cuyabá e seu reconcavo ... até o dia 20 de maio de 1723. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, t. XXV, p. 437-449, 1862.
- CARVALHO, Silvia M. Schmuziger. Chaco: Encruzilhada de povos ou ãMelting Potã Cultural. Suas relações com a bacia do Paraná e o Sul mato-grossense. In: CUNHA, Manoela Carneiro (Org.). *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992, p. 457-474.
- CASAL, Manuel Aires de. *Corografia Brasília ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil*. Prefácio de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976, 342 p. (Col. Reconquista do Brasil, v. 27).
- CASTELNAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Trad. Olivério M. de Oliveira Pinto. T. II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949, 378 p. (Col. Brasileira, v. 266-A).
- CHEVALIER, Sonia Rosalie B. Alguns mitos dos Kadiwéu. *Publicações do Museu Municipal de Paulínia*, Paulínia, n. 22, p. 1-10, 1982.
- COLINI, G. A. Notícia Histórica e etnográfica sobre os Guaicuru e os Mbayá. In: BOGGIANI, Guido. *Os Caduveos*. Trad. de Amadeu Amaral Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p. 249-262 (Reconquista do Brasil, v. 22). Apêndice.
- DORNBIGNY, Alcides. *Viaje a la America Meridional*. Brasil - República del Uruguay - República Argentina - La Patagonia - República de Chile - República de Bolivia - República del Perú. T. I. Prólogo de Ernesto Morales. Buenos Aires: Editorial Futuro, 1945, 439 p. (Colección Eurindia).

- DOBRIZHOFFER, Martín S. J. *Historia de los Abipones*. V. I. Traducción de Edmundo Wernicke. Advertencia editorial del profesor Ernesto J. A. Maeder. Noticia biográfica y bibliográfica del Padre Martín Dobrizhoffer, por el Académico R. P. Guillermo Furlong, S. J. Resistencia: Universidad Nacional del Nordeste, 1967, 568 p.
- _____. *Historia de los Abipones*. V. III. Traducción de la Profesora Clara Vedoya de Guillén. Resistencia: Universidad Nacional del Nordeste, 1970, 403 p.
- FREUNDT, Erich. *Índios de Mato Grosso*. Introdução de Herbert Baldus. São Paulo: Edições Melhoramento, 1947, 32 p.
- GALVÃO, Eduardo. O Cavallo na América Indígena; nota prévia a um estudo de mudança cultural. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, São Paulo, v. XIV, p. 221-232, 1963.
- GONGORA, Diego de. Carta de D. Diego de Gongora a S. M. sobre los yndios guaycurús y payagua (1622). In: GARAY, Blas. *Colección de Documentos relativos a la historia de América y particularmente a la historia del Paraguay*. t. I. Asunción: Talleres Nacionales de H. Kraus, 1899.
- GRATY, Alfredo M. Du. *La Republica del Paraguay*. Traducción por Cárlos Calvo. Imprenta José Jacquin, 1862, 364 p.
- GUZMÁN, Ruy Díaz de. *Anales del Descubrimientos, Población y Conquista del Río de la Plata*. Asunción: Ediciones Comunero, 1980, 305 p.
- HANKE, Wanda. Cadivéns y Terrenos. *Arquivos do Museu Paranaense*, v. II, p. 79-86, 1942.
- JOLÍS, José. *Ensayo sobre la Historia Natural del Gran Chaco*. Traducción María Luisa Acuña. Estudio Preliminar Ernesto J. A. Maeder. Resistencia: Universidad Nacional del Nordeste, 1972, 393 p.
- KERSTEN, Ludwig. *Las Tribus Indígenas del Gran Chaco Hasta Fines del Siglo XVIII*. Una Contribución a la Etnografía Histórica de Sudamérica. Trad. De Jorge von Hauenschild. Advertencia preliminar de Eldo Serafín Morresi. Resistencia: Universidad Nacional del Nordeste, 1968, 127 p.
- LABRADOR, P. José Sánchez. *El Paraguay Católico*. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 2 t., 1910.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Tradução de Noelia Bastard. Buenos Aires: EUDEBA, 1973, 419 p.
- LOUKOTKA, Chestmir. *Línguas indígenas do Brasil*. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. LIV, p. 147-174, fev. 1939.
- LOZANO, P. Pedro. *Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman*. T. I. Buenos Aires: Casa Editora Imprenta Popular, 1873, 468 p.
- _____. *Descripcion Corografica del Gran Chaco Gualamba*. Reedición con prólogo e indice por Radames A. Altieri. Tucuman: Universidad Nacional de Tucuman, 1941, 465 p.
- MANIZER, H. H. Musica e instrumentos de musica de algumas tribus do Brasil. *Revista Brasileira de Musica*, Rio de Janeiro, I, 4 ° facículo, p. 303-327, 1934.

- MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve Painel Etno-histórico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: 1992.
- MELLO, Raul Siveira de. *História do Forte Coimbra*. 2. v., VI e VII Períodos (1748 a 1802). Rio de Janeiro: SMG, Imprensa do Exército, 1959, 489 p.
- _____. *História do Forte Coimbra*. 3. v., VIII e IX Períodos (1803 - 1810 e 1810 - 1812). Rio de Janeiro: SMG, Imprensa do Exército, 1960, 220 p.
- _____. *História do Forte Coimbra*. 4. v., X e XI Períodos (1823 - 1870 e 1870 - 1955). Rio de Janeiro: SMG, Imprensa do Exército, 1961, 411 p.
- MÉTRAUX, Alfred. Ethnography of the Chaco. In: STEWRAD, Julian H. (Editor). *Handbook of South America Indians*. The Marginal tribes. Part 2: Indians of the Chaco. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, 1963, v. 1, Bulletin 143, p. 197-370.
- MOREIRA NETO, Carlos de Araujo. *A Política Indigenista Brasileira durante o século XIX*. Rio Claro: 1971, 389 p. (Tese de doutorado em Antropologia), Faculdade de Filosofia e Letras de Rio Claro.
- MURIEL, P. Pablo. *Historia del Paraguay*. Desde 1747 hasta 1767. Traducida por el P. Pablo Hernández. Madrid: Librería General de Victorino Suarez, 1918, 659 p.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Do Índio ao Bugre*. O processo de assimilação dos Terêna. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, 152 p.
- OÑATE, Pedro de. Carta Anua de 1615. *Documentos para la Historia Argentina*. T. XX. Iglesia. Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús (1615-1637). Buenos Aires: Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, 1929, p. 3- 62.
- PASTELLS, R. P. Pablo. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay* (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil). Según los Documentos Originales del Archivo General de Indias. T. I. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1912, 592 p.
- PRADO, Francisco Rodrigues do. Historia dos Índios Cavalleiros ou da Nação Guaycurú. *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil*, Rio de Janeiro, t. I, 2. ed., n. 1 (1º trimestre de 1839), p. 25 - 57, 1856.
- QUIROGA, P. José. Compendio del viaje Paraguay arriba hasta el Jaurú, que hizo y escribió el P. J. Q. In: MURIEL, P. Pablo. *Historia del Paraguay*. Desde 1747 hasta 1767. Traducida por el P. Pablo Hernández. Madrid: Librería General de Victorino Suarez, 1918, 659 p.
- REGO, Francisco Raphael de Mello. O Forte de Coimbra, sua fundação e os acontecimentos que com ella se relacionam. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. LXVII, parte I, p. 171 - 215, 1906.
- RIBEIRO, Darcy. *Uirá sai à procura de Deus*. Ensaios de Etnologia e Indigenismo. Paz e Terra, 1974, 173 p.

- _____. *Kadiwéu*. Ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza. Petrópolis: Vozes, 1980.
- RIVASSEAU, Emilio. *A vida dos índios Guaycurús*. Quinze dias nas suas aldeias. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936, 331 p. (Coleção Brasileira, v. 60).
- RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Relatório dos Trabalhos realizados de 1900 - 1906 pela Comissão de Linhas Telegráficas do Estado de Mato-Grosso apresentado as autoridades do Ministério da Guerra*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949, 332 p.
- SCHINDLER, Helmut. *Die Reiterstämme des Gran Chaco*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1983.
- SCHMÍDEL, Ulrich. *Viaje al Río de la Plata (1534-1554)*. Notas bibliográficas y biográficas por Bartolomé Mitre. Prólogo, Traducción y anotaciones por Samuel A. Lafone Quevedo. Buenos Aires: Editores Caubart y Cia., 1903, 491 p.
- SCHUCH, Maria Eunice Jardim. *Xarayé Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto-Paraguai*. São Leopoldo, 1995. Dissertação (Mestrado em História, na área de concentração Estudos Ibero-Americanos), Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- SERRA, Ricardo Franco de Almeida. Parecer sobre o aldeamento dos índios uaicurús e guanás, com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes. *Revista de Historia e Geografia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. VII (1845), 2. ed., n. 26 (julho de 1845), p. 204 - 218, 1866.
- _____. Continuação do Parecer sobre os índios uaicurús, guanás, etc. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. XIII (3 ° trimestre de 1850), 2. ed., p. 348-395, 1872.
- SIQUEIRA Jr., Jaime Garcia. A iconografia Kadiweu atual. In: VIDAL, Lux (Organizadora). *Grafismo Indígena*. Estudos de Antropologia Estética. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, edusp, 1992, p. 265-277.
- STEWART, Julian; FARON, Louis C. Varieties of Nomadic Hunters and Gatherers. In: _____. *Native Peoples of South America*. New York: McGraw-Hill Book Company, 1959 b, p. 397-444.
- SUSNIK, Branislava. Clasificación de la Poblaciones Indigenas del area Chaqueña. In: *Apuntes de Clases Dictadas*. 9. ed. Asunción: s. d. b, p. 209-12. (Mimeografado).
- _____. *El indio Colonial del Paraguay*. El Chaqueño: Guaycurús y Chanes - Arawak. T. II - 1. Asunción: Museo Etnográfico Andre Barbero, 1971, 193. p.
- _____. *Dimensiones Migratorias y Pautas Culturales de los Pueblos del Gran Chaco y de su Periferia*. Enfoque Etnológico. Resistencia: Universidad nacional del Nordeste, 1972, 31 p.
- _____. Etnografía Paraguaya. Parte 1^a. Clasificaciones de las Poblaciones Indígenas del area Chaqueña. *Manuales del Museo Etnográfico Andres Barbero*. Asunción: Museo Etnográfico Andres Barbero, II, 8. ed., 1974, p. 1-41.
- _____. *Los Aborígenes del Paraguay*. Etnologia del Chaco Boreal y su periferia (Siglos XVI y XVII). T. I. Asunción: Museo Etnografico Andres Barbero, 1978, 154 p.

_____. *Los Aborígenes del Paraguay*. T. III / 1. Etnohistoria de los Chaqueños (1650-1910). Asunción: Museo Etnográfico Andres Barbero, 1981, 232 p.

_____. *Los Aborígenes del Paraguay*. Ciclo Vital y Estructura Social. T. V. Asunción: Museo Etnográfico Andres Barbero, 1983, 163 p.

_____. Las características Etno-Soci-Culturales de los Aborígenes del Paraguay en el Siglo XVI. Separata de: *Historia Paraguaya*. Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia. Asunción: 1987, v. XXIV, p. 81- 103.

_____. Etnohistoria de los pueblos del Chaco. *América Indígena*, v. XLIX, n. 3, p. 431-490, julio/septiembre de 1989.

_____. *Una visión socio-antropológica del Paraguay*. XVI - ½ XVII. Asunción: Museo Etnográfico Andres Barbero, 1993, 149 p.

_____. *Interpretación Etnocultural de la Complejidad sudamericana Antigua*. I. Formación y Dispersión étnica. Asunción: 1994, Museo Etnográfico Andres Barbero, 199 p.

TECHO, Nicolás del. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. T. II e III. Versión del texto latino por Manuel Serrano y Sanz. Madrid: Librería y casa editorial, 1897.

TORRES, Diego de. Carta Anua de 6 de junio de 1610. *Documentos para la Historia Argentina*. T. XIX. Iglesia. Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús. (1609-1614). Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1927, p. 41- 83.

_____. Carta Anua de 5 de abril de 1611. *Documentos para la Historia Argentina*. T. XIX. Iglesia. Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús. (1609-1614). Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1927, p. 84-144.

_____. Carta Anua de 15 de Febrero a 10 de Mayo de 1612. *Documentos para la Historia Argentina*. T. XIX. Iglesia. Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús. (1609-1614). Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1927, p. 481-545.

_____. Carta Anua de 8 de abril de 1614. *Documentos para la Historia Argentina*. T. XIX. Iglesia. Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús. (1609-1614). Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1927, p. 264- 437.

_____. Carta Anua de 12 de Junio de 1615. *Documentos para la Historia Argentina*. T. XIX. Iglesia. Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús. (1609-1614). Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1927, p. 438-479.

TOVAR, Antonio. *Catálogo de las Lenguas de América del Sur*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1961, 406 p.

TRIGGER, Bruce C. *Além da História: os métodos da pré-história*. Trad. Ulpiano Bezerra de Menezes. São Paulo: E. P. U., Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.